

# As Aventuras de Omar

53



**Autor:**

**Rodolfo Coelho Cavalcante**

## A PAIXÃO DE AMAR

Morava em um suburbio  
Uma galante menina  
Na Capital da Bahia  
Não havia uma granfina  
Que tivesse mais ou menos  
A beleza de Celina.

Celina arranjou um noivo  
Cujó mancebo era Omar  
Um rapaz inteligente  
Tinha sido militar  
Prometeu a pobre moça  
De com ela se casar.

Nove meses a donzela  
Prendeu o seu coração  
Omar amava Celina  
Com toda convicção  
De ir com ela ao altar  
Na mais sublime união

Enquanto o pobre rapaz  
Seu projeto idealisava.  
Celina cinicamente  
Do pobre moço zombava  
Namorando occultamente  
E assim a vida levava

Um dia o rapaz tristonho  
Disse assim meu grande amor  
Juras se tu me amas  
Não quero sofrer a dor  
De uma separação  
Me responde por favor.

Celina disse: te juro  
Que nunca hei de enganar  
Meu coração te pertence  
Nunca vaciles Omar  
Sem te a vida pra mim  
E' um barco fragil no mar

Não sabes quanto te amo  
Serei tua eternamente  
Não durmo pensando em ti  
Vivo quase loucamente  
Tua imagem tem um brilho  
Que me embala docilmente.

A hipocrisia na jovem  
E' uma vara de condão  
Não sabia o pobre Omar  
Que a sua doce ilusão  
Se naufragava no barco  
Da horrivel ingratidão

Enquanto Omar trabalhava  
Celina se divertia  
Namorava outro rapaz  
Desta mesma freguezia  
Mas a moça se chamava  
Espelho da hipocrisia.

Mas como a mentira é falsa  
A verdade faz surgir  
Omar um dia coitado  
Chegando sem presentir  
Viu Celina namorando  
Com outro jovem a sorrir

Disse ele: traioeira  
Zombastes do meu amor  
E's pior do que Dalila  
Com teu modo traidor  
Te comparo como Judas  
Que traiu Nosso Senhor.

E's pior do que Rebeca  
A mulher Inesquecivel  
E's pior do que serpente  
Com teu veneno invisivel  
Tu és o cerbero do Inferno  
Alan perversa nocivel

Teu coração tem veneno  
Seus lábios são de amargores  
Feiticeira do deserto  
Que assassina os viajores  
Porque tu me seduzistes  
Com os teus modos traidores?

Escapastes miserável  
De uma tragédia ferina  
Se eu amanhã me casasse  
Como era a tua sina?  
Adeus ingrata, por Deus  
O mundo breve te ensina

Soluçando amargamente  
O rapaz se retirou  
A infame da Celina  
Com isto não se importou  
Com este novomancebo  
Amando continuou.

Mas era que o tal falsario  
Casamento não queria  
Namorava por esporte  
Um dia meu Deus um dia  
Celina se viu coitada  
Pagando sua hipocrisia.

Tinha perdido o pudor  
A sua dignidade  
O rapaz também daí  
Perdeu a sua amizade  
Chorava de arrependida  
Celina a fatalidade

Meu Deus o que foi que eu fiz  
Onde andará Omar:  
Se ele me perdoasse...  
Não posso continuar  
Quero ajoelhar aos teus pés  
Ele ha de perdoar.

Um dia a pobre Celina  
Com Omar se encontrou  
Chamou-lhe em particular  
Por este modo falou  
Omar, perdoa-me querido  
Teu coração se vingou

Sou uma desventurada  
Oh! meu Deus que triste sina  
Zombava do teu amor  
Por isso sou assassina  
Eu sou uma alma perdida  
E a tua é cristalina

Disse o rapaz te levanta  
Não tenho odio de ti  
O meu amor era imenso  
Por isto muito sofri  
Mas tenho uma esposa  
Que é mais digna de ti

Se tu soubesse Celina  
Quanto vale um coração  
Contaminado de amor  
Não usava de ingratição  
Os teus lamentos são mitos  
Queres a reputação

Mas vae busca-la adiante  
Ou volta atraz digo eu  
Aquele que dedicastes  
Um amor igual ao teu  
Não sou remendo de pano  
Nem teu pano é igual ao meu

Miseravel! disse ela  
Não quero mais discussão  
Tu pensas que o teu amor  
Faz eu te pedir perdão  
Prefiro ser uma perdida  
Que viver na escravidão

Me chamastes de hipócrita  
Pois hipócrita eu quero ser  
Eu queria o teu amor  
Não para eu assim viver  
Como vivem dois pombinhos  
Para que? meu Deus! pra que?

Sou liberta! não desejo  
Ter marido ter senhor!  
Vae Celina já te disse  
Anjo negro traidor  
Se some da minha vista  
Mais outra vez faz favor

Quando passouse dez anos  
Tornou Celina encontrar  
Com Omar casualmente  
Agora estava a penar  
Numa calçada sombria  
Com um filho a mendigar

Passa Omar, grita Celina  
Dá-me uma esmola senhor  
Omar ganhastes querido  
Venceu a lei do amor  
Eu me chamo Hipocrisia  
Sofri a lei do terror



Pensava que a vaidade  
Era a vida era o prazer  
O amor pensava eu  
E' ficção do querer  
Me tornei uma miseravel  
Hoje choro o meu viver

Nisto a criancinha chora  
E morre ali no relento  
Emquanto Omar se abaixa  
Com mais puro sentimento  
Celina chamou um guarda  
E acusa sem acanhamento

Este homem me bateu  
E matou o meu filhinho  
Quando o nobre vigilante  
Fala com bravura sosinho  
Outro guarda de serviço  
Conta tudo direitinho

Na terceira vez a máscara  
Da horrivel hopocrisia  
Desvendou-se de Celina  
Naquela calçada fria  
Findou-se aquela alma errante  
Para uma região sombria

FIM

Rodolfo Coelho Cavalcante